

# ASSOMBRO, NARRATIVA E MEMÓRIA: O CASARÃO DO MARECHAL RONDON NO ASSENTAMENTO ANTÔNIO CONSELHEIRO

## *AWESOME, NARRATIVE AND MEMORY: THE HOUSE OF MARECHAL RONDON IN THE ANTÔNIO CONSELHEIRO SETTLEMENT*

Maria Madalena da Silva Dias<sup>1</sup>  
 Walnice Vilalva<sup>2</sup>  
 José Pereira Filho<sup>3</sup>  
 Gilmar Laforga<sup>4</sup>

1 Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Literários (PPGEL), da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT / *campus* de Tangará da Serra). Bolsista CAPES/ Edital 013/Amazônia Legal/2020. Participante dos projetos de pesquisa “Da Oralidade do Verbo: A Potência Enunciativo-Cultural do Assentamento Antônio Conselheiro” e “Assombro: Formas da Voz, História e Experiência”. Bolsista voluntária do Núcleo de Pesquisa Wlademir Dias Pino.

2 Doutora pela UNICAMP e professora adjunta da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT/*campus* de Tangará da Serra). Participante do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários/PPGEL/UNEMAT, do Núcleo de Pesquisa Wlademir Dias Pino e do projeto de pesquisa: “Assombro: Formas da Voz, História e Experiência”.

3 Doutor pela UFSCAR e professor adjunto da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT/*campus* de Tangará da Serra). Participante do Núcleo de Pesquisa Wlademir Dias Pino e do projeto de pesquisa: “Assombro: Formas da Voz, História e Experiência”.

4 Doutor pela Universidade Federal de São Carlos e professor adjunto da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT/*campus* de Tangará da Serra). Participante do projeto de pesquisa “Assombro: Formas da Voz, História e Experiência”.

**RESUMO:** Há neste artigo a ânsia de problematizar, com base nas narrativas do livro “Vozes do Assentamento Antônio Conselheiro”, a representação do casarão do Marechal trazendo a dimensão do homem do campo. Para pensar essa questão, partimos de conceitos teóricos apresentados por Antonio Candido e Gaston Bachelard.

Palavras-chave: Casarão assombrado; espaço; narrativas orais e comunidade.

**ABSTRACT:** In this article there is an eagerness to discuss, based on the narratives of the book “Vozes do Assentamento Antônio Conselheiro”, the representation of the house of Marechal Rondon by bringing up the country man’s dimension. To think about this question we’ve started from theoretical concepts presented by Antonio Candido and Gaston Bachelard.

Keywords: Haunted House; space; oral narratives and community.

Por que um casarão pode despertar interesse? Diriam alguns que a prosa deste texto deveria começar contando a história desse casarão. Outros duvidariam de sua existência, não fosse seu antigo dono um cidadão ilustre, desses que a História não cansa de consagrar como herói. E, acaso, há heróis neste país? Aliás, como falar de heróis nestes tempos tenebrosos? Avancemos. Fato é que a história oficial já foi contada. Quem não sabe do Marechal Rondon e o telégrafo levando progresso para o sertão? Pois sim. Pois sim. O casarão foi do Marechal Rondon<sup>5</sup> que andou até por estas bandas de Tangará da Serra, passando por Barra do Bugres, como destemido homem do telégrafo. Verdade que até hoje progresso não veio por estas bandas, nem telégrafo, nem ferrovias, não há por léguas e léguas, nunca houve, nem sei se um dia haverá. Fato é também que o sertão ganhou uma rota como ânsia de progresso.

Não falaremos do Marechal, falaremos de narrativas que dão vida a um lugar, falaremos de histórias que o povo conta.

---

<sup>5</sup> Para mais informações sobre as Expedições Telegráficas, na localização do casarão, ler o capítulo “Comissão de Linhas Telegráficas de Mato Grosso ao Amazonas V”, na obra *Rondon conta sua vida* (2010), de Esther Viveiros.

Como diria Machado de Assis, acaso o leitor não se interesse por histórias, por histórias que o povo conta, deite fora este texto. Quem mesmo quer saber? E, dentre as histórias do povo deste sertão, uma delas chamou-me a atenção: as histórias do casarão, localizado no Assentamento Antônio Conselheiro<sup>6</sup>. São histórias contadas por seus moradores, assentados, vigilantes da terra. Da história ouvida da boca, contada por mais de um, há de ser verdade, não é, não? Essa coisa de espreitar a verdade na sabedoria popular. Tanto em tanto de ouvir as histórias do povo do assentamento, achou-se tanto em tanto de verdade que se colocou em livro. E está lá para todo mundo ver. Para todo mundo ler.

O livro *Vozes do Assentamento Antônio Conselheiro* (VILALVA; LAFORGA, 2009), publicado em 2009, organiza um conjunto de narrativas de testemunho/ou história de si, a partir do lugar do homem assentado, construindo uma imagem do homem e de sua relação com a terra. Desse conjunto de narrativas, selecionamos para analisar a configuração da imagem do Casarão. As narrativas escolhidas são: “Família e acampamento”, “Escola Marechal Candido Rondon”, “A organização da comunidade católica”, “Sou trabalhador da terra”, “Contente com a terra”, “O fantasma do casarão ataca mais uma vez...”, “A cobra e o casarão”, “História de assombração”, “Dúvida?”, “O fantasma de branco”, “Fantasma assombra motorista no casarão” e “Casarão assombrado”.

Do livro habitado por vozes, o poder de fala é exclusivo dos homens e das mulheres que ocupam a posição de comunidades frágeis, por serem ignorados pelos aparelhos de Estado. Se a história que o povo conta parece viver profundo desprestígio, num país que não se quer ouvir falar de povo, ainda fica mais grave quando o

---

6 O Assentamento Antônio Conselheiro, situado no estado de Mato Grosso, é um dos maiores assentamentos da América Latina. O território que o compõe é bem extenso, 38.337 hectares e é cortado por 527 quilômetros de estrada. Geograficamente, abrange os municípios de Tangará da Serra, Barra dos Bugres e Nova Olímpia e é resultado de uma luta do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST). Comporta hoje um total de 999 famílias divididas, espacialmente, em sessenta e três agrovilas e, em três microrregiões — Zumbi dos Palmares, na região de Nova Olímpia; Che Guevara, na região de Tangará da Serra; e Paulo Freire, na região da Barra dos Bugres. A divisão legal do assentamento ocorreu no ano de 1998, porém as lutas iniciaram bem antes, os primeiros registros que se tem de que os assentados já acampavam essa região é de 9 de outubro de 1996.

povo é aquele denominado de vagabundo, roceiro e arruaceiro; sim, aqueles que lutaram pela reforma agrária<sup>7</sup>. Organizaram-se em Movimento de retorno pela terra (MST), uniram-se e conquistaram o direito de retornar ao campo. Em território de latifundiário, de agronegócio, quem vai querer saber de histórias de assentados? Sobre a narrativa de seu retorno à terra, tal qual em êxodo, o homem do campo precisa contar o que foi essa experiência. Há o desejo nesse sujeito em conquistar a terra, bem como conquistar a casa própria, a casa que é o seu lugar de morada, de proteção. Segundo Gaston Bachelard (1993, p. 200), a casa tem uma simbologia muito significativa na história de cada indivíduo, “a casa é nosso canto do mundo [...] nosso primeiro universo”, ou seja, a casa é nosso espaço de pertencimento no mundo, ela nos permite uma espécie de reconhecimento. Se a casa é um símbolo de conquista, a narrativa é o meio de expressar essa conquista, e o meio pelo qual o homem expressa seu lugar no mundo, desde o mundo em que habita ao mundo em que deseja. E, nesse sentido, como explica Antonio Candido, a estrutura narrativa carrega e faz emergir as condições de uma sociedade e as identidades complexas de seu discurso.

As narrativas do retorno ao campo formulam, pela contingência de um meio de produção (social e histórico), e reproduzem pela linguagem, pela formulação de cada narrativa, suas bases sociais e históricas como representação do mundo. Bem verdade que um mundo mutilado, desigual, injusto e cruel.

Os assentados tiveram um longo percurso de luta para sair da cidade e realizar o grande desejo de ter a posse de um pedaço de terra: “encontrar um pedaço de terra, onde a gente pudesse criar a família” (VILALVA; LAFORGA, 2009, p. 41) e “trabalhar no que era da gente” (VILALVA; LAFORGA, 2009, p. 29). Essas narrativas mostram a força do grupo, que viveu seu passado no campo, e no

---

<sup>7</sup> Para maiores informações sobre o movimento de luta pela terra, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e a origem do Assentamento Antônio Conselheiro, ler os artigos: “Movimento dos homens e mulheres e a luta pela terra no Mato Grosso”, “Um olhar sobre o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra – MST” e “História do Assentamento Antônio Conselheiro: A Escrita de Si”, na obra *Entre olhares: realidades, construções, saberes na terra em assentamentos de Mato Grosso* (ROSA; LAFORGA; VILALVA (2012).

presente narra o retorno à terra para reviver suas origens/raízes — “sempre gostei de trabalhar na terra” (VILALVA; LAFORGA, 2009, p. 50).

A luta de homens e mulheres para edificar o assentamento foi árdua tanto para a conquista da terra — “possuir uma terra” (VILALVA; LAFORGA, 2009, p. 36) — quanto para ter a tão sonhada casa, “não tínhamos casa [...] Essa casa foi pelo financiamento” (VILALVA; LAFORGA, 2009, p. 52). Para eles, ter a posse da casa representa uma mudança de realidade de vida pois, ao possuí-la, deixam um passado de aprisionamento e privações por causa de aluguel. A casa, de acordo com Bachelard, é um espaço sagrado, é o lar do indivíduo, é um espaço no qual o sujeito busca por segurança. Se a marca do discurso em todas as narrativas é a do retorno, do desejo pela casa e pelo lar, os assentados encontram uma casa que refugia outro passado, com o qual não há identidade, nem semelhanças. A terra cortada da fazenda Tapirapuã<sup>8</sup>, para alojar os assentados na construção do Assentamento Antônio Conselheiro, guarda na sua história um casarão, construído no ano de 1906. Morada de passagem de um dos maiores heróis nacionais. Além de guardar um passado distante, anterior aos testemunhos dos assentados, o casarão é o principal espaço do enredo de muitas narrativas presentes no livro. A casa, chamada de Casarão pelos assentados, pelo tamanho da morada de ninguém, pela força em que sobressai ao tempo, numa terra de lutas, pelo passado de latifúndio que ele representa. O Casarão é a morada de ninguém que assume outras ocupações no assentamento; sem perder seu valor histórico, contrasta com o presente e o futuro das casas modestas dos assentados. É um Casarão à beira do rio Sepotuba, rodeado por um imenso quintal, cheio de árvores e plantas. O idílio para qualquer assentado. Eis que essa casa já estava lá, feita já grandiosa por alguém e para alguém, mesmo sendo casa de ninguém. É o Casarão que representa a figura do patrão, do latifundiário, tal qual a casa grande (não tão velha) e a tão conhecida senzala. A relação que os assentados têm com suas

---

8 Para mais informações sobre a fazenda Tapirapuã, ler no capítulo “História do Assentamento Antônio Conselheiro: A Escrita de Si”, na obra *Entre olhares: realidades, construções, saberes na terra em assentamentos de Mato Grosso* (ROSA; LAFORGA; VILALVA, 2012).

casas e este casarão é muito distinta. Os assentados chamam as suas moradas de “barracos”, “nós fizemos um barraco” (VILALVA; LAFORGA, 2009, p. 29), sem poder para sonhar com um casarão. Assim, o casarão além de trazer uma metáfora do passado opressor, vivido pelos assentados — “depois que eu entrei dentro desse sítio aqui, eu nunca trabalhei pra fora pra adquirir recurso. Vivo daqui” (VILALVA; LAFORGA, 2009, p. 50) —, representa uma metáfora de tudo o que os assentados lutaram contra a sujeição à posição de empregado mal remunerado — “sempre pensei que, no dia que eu pegasse um pedaço de chão pra mim sobreviver, eu num saía pra enriquecer fazendeiro” (VILALVA; LAFORGA, 2009, p. 50).

O casarão une dois tipos de sujeitos pelas histórias dessa casa grande, pois há narrativas narradas tanto por moradores do assentamento quanto por narradores que não vivem na comunidade, sendo que seu vínculo com o assentamento é o de prestador de serviço na comunidade e com o casarão é de usá-lo como alojamento<sup>9</sup>. Os contadores dessas histórias marcam bem sua função no espaço. Renata Lourenço, que se propõe a contar a história do casarão, diz logo no início “Moro no assentamento Antônio Conselheiro há 8 anos [...] Eu vou contar a história do casarão. Lá na Agrovila 10, tinha uma velhinha” (VILALVA; LAFORGA, 2009, p. 80). Sebastião Pinto de Souza, assim como Renata, começa falando de sua relação com o espaço, o assentamento: “Moro em Tangará há muito tempo. Trabalhei um ano e meio puxando alunos na escola Marechal [...] algo que aconteceu comigo” (VILALVA; LAFORGA, 2009, p. 107).

As noites na grande casa do assentamento não são como as noites na maioria das casas na cidade. O Casarão de ontem do Marechal Rondon e o Casarão de hoje no assentamento, com luz elétrica, acabando-se com o tempo, sem conservação, isolado, distante, com paredes úmidas, é um local com cheiro forte de mofo, cheio de entulhos, muitos insetos e roedores. É nesse espaço mal iluminado que ocorrem ruídos e aparições estranhas.

---

9 Não há pesquisas científicas sobre a Escola Estadual Marechal Candido Rondon. Apenas para fins de conhecimento sobre a casa de Marechal Rondon e seu uso como alojamento, há uma matéria jornalística “Casa de Marechal Rondon é tombada como patrimônio histórico em MT” (2012), no site G1. Disponível em: <http://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/2012/03/casa-de-marechal-rondon-e-tombada-como-patrimonio-historico-em-mt.html>. Acesso em: 28 jun. 2021.

Adriana de Fátima Novais foi uma das pessoas que morou no casarão enquanto trabalhava na escola, situada no mesmo terreno, “moro e trabalho aqui na escola”: “Aconteceu comigo”. “Dizem, que o lugar é mal-assombrado”. Ela descreve a experiência como “algo de outro mundo”. Adriana narra que estava sozinha no quarto do casarão “eu tava sozinha” e era noite “apagando todas as luzes pra gente dormi”. Ela narra com muito respeito e medo — “A coisa, a assombração resolveu puxar o meu travesseiro, daí, sim, que eu fiquei com medo” (VILALVA; LAFORGA, 2009, p. 81). Ela não teve apenas uma experiência com a assombração: “E não foi só essa vez que eu vi. Da outra vez que eu senti, parecia [...] alguém me olhando; assim, passou do meu lado. Olhei não era nada [...] Eu estava sozinha” (VILALVA; LAFORGA, 2009, p. 82).

Sebastião Pinto de Souza, assim como Adriana de Fátima Novais, também já havia escutado histórias sobre o casarão — “o Reginaldo [...] o trem não deixou ele dormi [...] puxava ele pela perna [...] Ele disse que o cara chegava de cavalo, entrava pela cozinha andava no corredor”. Sua experiência com o fantasma do casarão aconteceu também no período da noite — “era base de meia noite [...] eu percebi que abriu a porta [...] Eu fiquei todo arrepiado, de cabelo em pé [...] Chegô aonde eu estava e começo a me enforçar, e foi me enforcando [...] eu rezei [...] e ele foi embora” (VILALVA; LAFORGA, 2009, p. 107).

O motorista contou para os outros colegas de trabalho, e eles riram e não acreditaram: “Daí, no outro dia, pegou o Santiago [...] sozinho a gente num dormia mais aí no casarão [...] passado uma semana, pegou o outro motorista, o Marcelo [...] eles acreditaram em mim [...]. Muitos não acreditam ainda. Eu não duvido mais” (VILALVA; LAFORGA, 2009, p. 108). As narrativas são experiências que possuem o casarão como o elo entre os sujeitos, tornando-se meio comunicativo de acessibilidade e comum aos integrantes do assentamento. Tais narrativas, portanto, estão aliadas a um sistema simbólico vigente, uma vez que os narradores utilizam um discurso reiterado por outrem, representando a expressão de uma sociedade, a comunidade do Assentamento Antônio Conselheiro.

Diferente de Sebastião e Adriana, Oscarino Santana,

narrador de acontecimentos sobrenaturais no casarão, é um morador do assentamento. Ele demarca isso em seu discurso: “Resido aqui no assentamento Antônio Conselheiro, na Agrovila 17. Trabalho no colégio Marechal Rondon”. Ele narra que também à noite estava dormindo no casarão e teve um encontro com o fantasma — “eu vi que era barulho de cavalo [...] ele desceu do cavalo [...] veio para o lado do quarto que nós tava dormindo [...] eu vi quando a porta abriu [...] Eu queria gritá” (VILALVA; LAFORGA, 2009, p. 109). As histórias de assombro, a figura do sobrenatural habitando um espaço social e econômico. O Casarão é lugar de fantasmas. Na narrativa de Sebastião e Oscarino, há a permanência desse mesmo conteúdo narrado, o fantasma que vem a cavalo. É possível perceber que nessas narrativas o conteúdo traz aspectos de marcação discursiva do grupo, na reiteração do elemento sobrenatural. Aconteceu comigo e com ele também. E todos remendam o dia, igualmente aos outros narradores, trazendo a afirmação que viu/viveu: “esse casarão do marechal Candido Rondon é assombrado” (VILALVA; LAFORGA, 2009, p. 109). Assim, além de as narrativas trazerem como características a transmissão de experiências, elas trazem a comunicação expressiva de uma crença, de uma verdade compartilhada: o casarão é assombrado. O narrador ainda faz um alerta “Todas as pessoas que dormem sozinho aqui, essa criatura assombra eles” (VILALVA; LAFORGA, 2009, p. 110).

Renata diz que a velhinha da Agrovila 10 lhe contou a história do casarão. Segundo a idosa, o casarão já teve escravos morando lá antigamente e que o marechal Cândido Rondon, visto pela história oficial como o herói das linhas telegráficas, era “muito antiquado [...] Aquelas coisas antigas dele”. Há no casarão, no meio da grande sala, um buraco no chão chamado de “o túnel” pelos moradores do assentamento, “no casarão tinha um túnel que dava direto no rio”. Existem muitas histórias sobre a utilidade que o Marechal dava para o túnel. O Marechal é descrito por essa narradora como cruel, “todas as maldades do Marechal” no hábito de matar os escravos — “O Marechal ficou bravo, foi atrás desses escravos, matou-os e jogou seus corpos no túnel” (VILALVA; LAFORGA, 2009, p. 80). Segundo a narrativa dos assentados, o casarão foi palco de acontecimentos ruins.

Essas histórias de assombro dos assentados carregam um significado histórico e social. Tais narrativas configuram o mundo habitado do assentamento, configuram a terra e, nela, o espaço da casa. São as histórias que o homem do campo conta. São histórias de assentados. Quem dirá se são verdadeiras, senão eles próprios? E, com essas narrativas, tanto a simbologia da casa deixa o lugar de morada segura quanto a imagem do Marechal Rondon está subtraída da condição de herói. Essa necessidade em contar e compartilhar as experiências de assombro no casarão é uma dinâmica e uma experiência coletiva, ou seja, contar a história habita a rotina do assentamento como forma integradora de sua complexidade e sua identidade. Narrar é uma experiência que permite o ato de compartilhamento. É pela necessidade de contar a história que se formula uma identidade complexa como registro na fronteira entre o histórico e o simbólico, entre o natural e o sobrenatural. Desse modo, essas histórias possuem uma repercussão muito grande e significativa dentro da comunidade, na voz dos assentados e dos não assentados. As narrativas do fantasma do casarão fazem que os sujeitos tenham uma interação social dentro do espaço em que vivem, uma vez que há tanto entre os moradores do assentamento quanto entre os moradores do casarão uma comunicação discursiva. O casarão é um símbolo cultural de pertencimento para uns e de mau presságio para outros, porque “a arte é um sistema simbólico de comunicação inter-humana” (CANDIDO, 2006, p. 31). Uma vez que as narrativas de assombro, que são relatadas na comunidade, passam a simbolizar o pertencimento do sujeito ao grupo, elas se apresentam como legado e herança cultural passada pela oralidade dentro da comunidade. Existe uma transmissão direta dos valores e crenças que resultam na expectativa social. Ademais, elas também se apresentam como uma narrativa de alerta quando contada aos novos sujeitos que aparecem na comunidade, principalmente os sujeitos chamados de “pessoas da cidade”. Pessoas que acabam usurpando, na visão da maioria dos assentados, os empregos gerados dentro da comunidade, como nas escolas e nos postos de saúde que, para eles, devem ser ocupados pelas “pessoas da comunidade”, pois somente o povo da comunidade conhece suas próprias necessidades

e anseios. Essas narrativas de assombro servem para manter esses intrusos em estado de vigília, pois ao contar sobre a assombração do casarão “quando você duvida de alguma coisa [...] atrai os maus fluidos” (VILALVA; LAFORGA, 2009, p. 94).

A história do fantasma do casarão circula nas vozes de dois tipos de sujeitos: o assentado e aquele que trabalha na escola e habita temporariamente o Casarão. A casa do Marechal apresenta-se como um espaço simbólico de habitação/morada (ainda que temporária). Segundo Gaston Bachelard (1993), a casa é um espaço que nos fornece imagens: o casarão fornece aos seus moradores imagens discursivas; entre essas imagens, está a do assombro. Pessoas habitam o casarão; se “todo espaço verdadeiramente habitado traz a essência da noção de casa” (BACHELARD, 1993, p. 200), o casarão não constitui em uma morada tranquila como a dos assentados, mas, sim, uma morada desassossegada e cheia de mistérios.

Sabemos que o ato de habitar é essencial ao ser humano, se a primeira morada é a barriga da mãe, a segunda é a casa. Há, dessa forma, também uma interação dos moradores do casarão com esse espaço. Assim, os alojados relacionam-se com o espaço do casarão como suas casas. Quando os sujeitos que estão alojados no casarão levam seus pertences para lá, como um simples porta-retratos ou até mesmo um fogão para cozinhar, esse simples fato de levar pertences representa, inconscientemente, um pertencimento ao espaço. Com o ato de levar coisas pessoais, os alojados dizem indiretamente que estão fixando morada no casarão. Eles sentem que o casarão lhes pertence, mesmo que por uma estada curta, pois eles habitam/moram naquele espaço. Esse espaço, o casarão, molda-os e influencia as atitudes e o discurso narrativo desses sujeitos. O casarão recebe os alojados, acolhe e assombra: “a casa é um dos maiores poderes de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos” (BACHELARD, 1993, p. 201). No espaço casarão, as narrativas de assombro nomeiam a imagem do fantasma. Ao ouvir os relatos, é possível perceber um pacto social entre os falantes no qual todos enxergam, se não a mesma coisa, uma coisa muito semelhante. Ou seja, o casarão mantém os narradores, tanto do próprio casarão quanto os da comunidade, fazendo uma tessitura de narrativas com

um enredo muito parecido. Há entre os moradores uma tradição ininterrupta: narrar a história do casarão. O que chamamos aqui de tradição é este ato de transmitir pela oralidade, de uma geração a outra, histórias, crenças e costumes de um povo. Assim a vida social no assentamento se faz por meio de um ritual que consiste na repetição do passado do casarão, sua história na época do Marechal, inspirando novas experiências narrativas, a assombração do casarão no presente da enunciação.

As narrativas organizadas em *Vozes do Assentamento Antônio Conselheiro* são narrativas de retorno do homem para o campo. Entre esse homem do campo e o homem alojado no casarão prevalece o discurso narrativo ressignificando a história e trazendo o sobrenatural, pois celebram em suas vozes uma experiência que é própria do assentamento. Esse discurso narrativo está estritamente ligado ao meio de vida e à organização social do assentamento, visto que representa uma tradição cultural que traz a consciência de dois grupos distintos que se assemelham e se completam. Porém, ao mesmo tempo em que o casarão carrega uma imagem negativa, porque foi palco de acontecimentos muito ruins que mantêm no local viva uma assombração, na memória do assentado o casarão traz à lembrança o passado não completamente superado, ultrapassado de tudo o que representa uma Casa Grande (o trabalho escravo, a violência, a morte). O Casarão é a memória viva de um passado histórico ainda não superado pela realidade dos assentados. A simbologia do casarão abre horizontes complexos de significação: edifica, na experiência, a necessidade de narrar mesmo as coisas terríveis e cruéis de uma história não oficial, contrariando assim a História, desmontando o heroísmo e registrando o não reconhecimento do herói Marechal.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A análise proposta é um olhar transversal sobre “O Casarão de Rondon”, ponto de referência no processo de ocupação da Fazenda Itapirapuã, localizado estrategicamente à margem esquerda do Rio Sepotuba (rio abaixo), em direção noroeste-norte, formando

uma simbiose com o cotidiano da vida dos assentados (homens e mulheres que têm vida e gostam da terra) e de trabalhadores externos (alojados) que gravitam no espaço em que se localiza o casarão. É espaço de memória, presente no contexto das relações sociais do assentamento, tomando formas diversas: na perspectiva sobrenatural, como memória de um passado de opressão e como símbolo de uma conquista, permeada por uma trajetória de lutas pela terra, forjada no âmbito das lutas desencadeadas pelo MST.

O casarão traz, desde a gênese da ocupação daquele latifúndio, uma simbologia que ao longo do tempo tomou forma de uma lenda, quando pessoas (professores, motoristas e demais trabalhadores da escola) alojam-se naquele espaço para suas estadas durante o período de trabalho. Para esses, “O Casarão de Rondon” apresenta-se como uma simbologia mítica, que aterroriza por ser mal-assombrado, enfeitado, local habitado por assombrações e fantasmas que atormentam a noite e o sono de quem se aventura a dormir ou habitar o “casarão”. É um espaço em que o cotidiano da vida se mistura com o sobrenatural, servindo inclusive de repelente para corpos e almas que buscam trabalhar na escola e que são percebidos como intrusos, isso porque, ocupariam postos de trabalhos de membros da comunidade. Nesse caso, o sobrenatural toma forma viva na função de repelir intrusos.

Para além da dimensão sobrenatural que lhe é dada, o casarão, está presente no imaginário e na memória das pessoas e do MST como um símbolo do latifúndio e da opressão, encarnado na figura do Marechal Cândido Rondon, militar que transitou por aquele espaço no processo de avanço dominante em direção ao noroeste e norte do Brasil. Nessa perspectiva, o casarão é a simbologia de uma relação de poder, em que a tônica foram as relações de opressão, pois tratava-se de expedições intrusas em áreas indígenas, com o propósito de expandir as fronteiras de desenvolvimento na perspectiva dos colonizadores. A figura de Rondon é controversa, assim como o casarão.

Por outro lado, a ocupação da fazenda e, por conseguinte, do casarão coloca-se também como um símbolo de uma conquista, forjada na luta de centenas e milhares de famílias vinculadas ao

MST que conquistaram a terra, a terra que era um latifúndio, e que agora é terra de trabalho e de produção da vida material e imaterial para muitas famílias. O casarão também o é, pois faz parte da conquista. É uma forma viva de contraposição a uma lógica colonizadora, calcada na opressão e no latifúndio. Ocupar o casarão tem significado de luta e, na luta, a caminhada rumo à libertação opressora.

Assim, o casarão é muito mais que o Casarão. É um símbolo cultural de pertencimento para uns e de mau presságio para outros. É memória sobrenatural que aterroriza seus moradores (é tenso morar no Casarão), é memória que expressa as relações de luta pela terra, é símbolo de luta contra a opressão, é permanente luta de homens e mulheres para permanecerem na terra de trabalho e de memória, lócus de produção da vida material. É cultura e história, forjadas na luta pela terra e para nela permanecer. Como brasa acesa, é memória viva de homens e mulheres, moradores e moradoras do Assentamento Antônio Conselheiro.

## REFERÊNCIA

BACHELARD, Gaston. *A poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembrança de velhos*. 3. ed. São Paulo: Schwarcz, 2004.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2015.

ROSA, Marinês da; LAFORGA, Gilmar; VILALVA, Walnice. (org.). *Entre olhares: realidades, construções, saberes na terra em assentamentos de Mato Grosso*. São Paulo: Artes e Ciência, 2012.

VILALVA, Walnice; LAFORGA, Gilmar. *Vozes do Assentamento Antônio Conselheiro*. Tangará da Serra: Editora Gráfica, 2009.

VIVEIROS, Esther Maria Terestrello da Câmara. *Rondon conta sua vida*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2010.